

# VELHAS CASAS

## VI

(FREGUESIA DE AZURÉM)

### Casa da Veiga

Foreira ao Reguengo da Senhora Rainha

O sol doira os loiros e entrançados cabelos de Dona Isabel, Infanta de Portugal. Ilumina-a, a caminho de Sevilha, para casar a 11.3.1526 com o todo poderoso Carlos V, Rei de Espanha, Imperador da Alemanha. No longo cortejo, a folgar nos seus vivos dez anos, Rui Gomes da Silva, dos Senhores da Chamusca, «uno de los Meninos»<sup>1</sup> trazidos para Castela no séquito da irmã de El-Rei D. João III, discretamente vigiado por seu avô materno, Rui Telles de Menezes, Senhor de Unhão.

Ao nascer o Príncipe Don Felipe, filho dos Imperadores, entra a seu serviço Rui Gomes da Silva. Torna-se homem à sombra da grande amizade do Príncipe, goza depois do favor do Rei, seguindo-o nas glórias e tristezas. Na côrte do Rei estrangeiro, seu no coraçõ pois menino veio da casa de seus Pais para o amar e servir, torna-se Rui Gomes da Silva, Príncipe de Eboli, Duque de Estremera e Pastrana, Marquês de Diano e Conde de Melito<sup>2</sup>. Morre antes de 1580, não vendo o seu Senhor entrar como Rei na sua Pátria, pizada pelo jugo castelhano.

Terceiro filho do Príncipe de Eboli é Don Diego da Silva y Mendoza, Marquês de Alenquer, Duque de Francavila, Conde de Salinas e Ribadeo<sup>3</sup>, Comendador de Herrera na Ordem de Alcan-

---

<sup>1</sup> «*História de la Casa de Silva*» por Don Luís de Salazar y Castro, II parte, ano 1581. — Livro X, Los Señores de Chamusca, Duques de Pastrana, Cap. VII, pág. 456.

Rui Gomes da Silva era f.<sup>o</sup> de Francisco da Silva, sr. da Chamusca, e de sua m.e.r D. Maria de Noronha. A sua biografia e descendência vem no livro acima citado.

<sup>2</sup> O Principado de Eboli foi-lhe concedido em Nápoles a 1.7.1559 por Felipe II (I de Portugal.) O mesmo monarca agraciou-o em 1568 e a

tara, Vice-Rei e Capitão General de Portugal, Governador do Conselho deste Reino em Castela, Vedor da Fazenda, Capitão General da Fronteira de Zamora e das Costas da Andaluzia, do Conselho do Estado, Donatário dos Reguengos e Direitos Reais. A 12.4.1624, em Madrid, dá poderes a Jerónimo Salgado de Faria <sup>4</sup> para renovar os prazos reguengos da vila de Guimarães. Por isso o velho pergaminho, ao descrever leira por leira toda a modéstia do «casal da Veiga sito na freguesia de São Pedro de zurei» <sup>5</sup> ao incluir a carta, proviões e assinatura de Sua Excelência o Marquês de Alenquer, Duque de Francavilla, evoca sem querer o fausto, o brilho, os últimos lampejos da Espanha dos Áustrias.



A Veiga era uma casa alegre, cheia de vida, de vozes, de movimento. Ao subir a suave escadaria de pedra, a levar às salas, abriam-se portas, corriam crianças, falava-se muito e respirava-se um grande aconchego.

Casa da Veiga, sobradada, de pedra antiga, doada pelo Conde de Margaride a seu filho segundo, e depois seu representante, João Cardoso Martins de Menezes <sup>6</sup>. Recém-casado, para aqui vem com sua mulher, Dona Helena Madalena Souto-

20.12.1573 com os ducados de Estremera e Pastrana. Os outros títulos vieram-lhe pelo casamento, e pertenciam a sua m.er Doña Ana de Mendoza y de la Cerda In «*Dicionário Nobiliárquico*», de J. Añena.

<sup>3</sup> L.<sup>o</sup> citado na nota 1, Livro XI, Cap. IV, pág. 687, Marquês de Alenquer Duques de Híjar. O marquesado de Alenquer foi-lhe concedido a 13.10.1616 por Felipe III; os outros títulos vêm-lhe pela linha materna.

<sup>4</sup> Jerónimo Salgado de Faria foi cap. de Inf.<sup>a</sup> dum dos terços da vila de Guimarães, Infanção e Administrador dos Reguengos Reais da mesma vila. Era f.<sup>o</sup> de Gonçalo Salgado e de Maria de Sousa e x a 19.3.1608 (M 1 Olv.<sup>a</sup>, Arq. Mun. A. Pimenta) c. Maria de Miranda, f.<sup>a</sup> de Pedro Coelho, Cav.<sup>o</sup> de Cristo, e de sua m.er Antónia de Miranda, sr.s do Morg.<sup>o</sup> de Mouriz, referidos na nota 188 do meu estudo «*Casa de Pousada, Velhas Casas V*» e cuja família também é citada na nota 9 do meu «*Eugénia da Cunha Peixoto ou o Morgado do Parto Suposto*»

<sup>5</sup> «Prazo do Casal da Veiga, freg.<sup>a</sup> de S. Pedro de Zurei», passado em Madrid a 12.11.1626 em nome de Dom Diogo da Silva, Marquês de Alenquer e Duque de Francavilla e por ele assinado para António Vaz e sua m.er Catarina Gonçalves serem 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> vidas no casal. Pergaminho do Arq. Part. da Casa da Veiga pertencente a D. Helena Maria Cardoso de Macedo e Menezes (Margaride).

<sup>6</sup> N. em Guimarães, na Casa do Carmo, a 14.8.1869. Por falecimento s. g. a 17.4.1933 do 2.<sup>o</sup> Conde de Margaride, seu irmão mais velho, nele recaiu a representação do título e Casa.

maior Felgueiras<sup>7</sup>. Aqui lhes nascem os dez<sup>8</sup> filhos, e alguns dos quarenta e um netos. Para caberem todos, um andar é acrescentado, tirando-lhe o suave ar de casa minhota, perto da terra. Aqui vivem. João Cardoso Martins de Menezes, o senhor João Cardoso, com sua voz forte, os ditos cheios de graça, a sua muita bondade<sup>9</sup>, até morrer a 16.1.1941. Sua mulher, D. Helena Madalena, na doçura tão bonita dos seus olhos azuis, com os filhos solteiros, as visitas dos casados, até adormecer no Senhor, em paz como sempre viveu, a 5.5.1963.

<sup>7</sup> N. em Guimarães a 19.11.1871, f<sup>o</sup> de José Baptista Felgueiras M. F. C. R. (alv. de 8.7.1868) e de sua m.er D. Maria Francisca de Sousa Basto e neta pat. do Cons<sup>o</sup> João Baptista Felgueiras, F. C. R., do Cons<sup>o</sup> de S. M. Fidelíssima, Ministro e Secretário do Estado, com. da O. da Conceição e membro do Supremo Tribunal da Justiça. D. Helena Margaride ao estudar a família de sua avó pat., os Felgueiras de Guimarães, verificou descenderem em varonia de Gonçalo Francisco e m.er Maria Fernandes, rec. a 30.12.1646 em S. Romão de Mesãozinho Guimarães (M 1 dessa freg<sup>a</sup>, Arq. Mun. A. Pimenta), não constando do assento o nome dos pais dos noivos nem naturalidade. Tiv.: Manuel Fernandes Felgueiras x na mesma freg<sup>a</sup> a 24.1.1715 c. Angélica de Freitas da Silveira (prima do cônego João Vaz da Silveira, (in «*Casa dos Pombais, Velhas Casas IV*», p. 133). Foram estes pais de, entre outros, Francisco José Felgueiras, x c. D. Rosa Maria da Guerra que tiveram Manuel José Baptista Felgueiras, Cav.<sup>o</sup> Prof. O. Cristo, F. C. R. do C. S. M., Desembargador da Mesa de Consciência e Ordem, e Tomé José Felgueiras cônego tesoureiro-mor da Colegiada de Guimarães, com or. da Conceição.

D. Helena Madalena e seu marido eram, pelo menos, parentes pelos Guerras, pois ambos descendem de Pascoal Mendes da Guerra e sua m.er, do Casal do Assento, freg<sup>a</sup> de St<sup>a</sup> M<sup>a</sup> de Matamá (v. «*Casa dos Pombais*», nota 72).

<sup>8</sup> D. Ana Júlia, \* a 28.3.1892 † no Porto a 22.10.1965 x na Capela da Casa da Veiga a 20.5.1915 c. António Maria Paes de Sande e Castro de Almeida Campos, c. g.; D. Maria Luísa, \* a 20.6.1893 e † em Lisboa a 11.7.1971 x na ig<sup>a</sup> de S. Pedro de Azurém a 8.12.1920 c. Augusto César de Moraes, cap. de Inf<sup>a</sup>, fourragère da O. da Torre e Espada, Med.s dos Serviços Distintos, Comportamento Exemplar e da Vitória, c. g.; D. Matilde Carolina, \* a 13.6.1894 e † em Lisboa a 4.2.1976, x na capela da Casa da Veiga a 15.10.1932 c. Luís Teles de Menezes Corrêa Acciaiuoli, eng<sup>o</sup> civil e de Minas, Sócio da Acd. de Ciências de Lisboa, Cav<sup>o</sup> da O. de Cristo e da O. Militar de Espanha, Fourragère da Torre e Espada, Medalha da Vitória, s. g.; José Cardoso Martins de Menezes, \* 31.12.1895 e † em Lisboa a 18.8.1950, representante do título de Conde de Margaride (cert. do Conselho de Nobreza de 20.3.1949), Tbe. Coronel de Cav<sup>a</sup>, Com.or da O. de Aviz, Medalha de Mérito Militar, x no Porto a 25.2.1927 c. D. Maria Antónia Machado Correa de Barros, c. g., cujo primogénito é João Manuel Correa de Barros Cardoso de Macedo e Menezes, 3.<sup>o</sup> Conde

Mais de setenta anos na vida duma família, ligada à Casa por muitas gerações, a marcar as paredes, a gastar o chão, a amar, a rir, a sofrer. São factos, sucessos, dores, muitas alegrias; não pretendemos contá-los. Guardados no tempo, no coração de quem os viveu, aí os deixamos. Como deixamos a Veiga: na doce lembrança do seu dia a dia, das suas festas íntimas, nas coloridas mesas dos dias de anos, aberta, acolhedora, amiga. Alheia ao presente <sup>10</sup>, a ressoarem-lhe nas paredes as vozes do futuro, muito longe, muito estranha a si própria, perdida entre provisórios acrescentos.

\*

— «Só quero duas coisas: a Veiga e casar com o primo Anrique» <sup>11</sup>.

Assim fala Dona Luísa Ludovina de Araújo Martins da Costa, baixinha, gorducha, modos vitorianos e penteado de flores e fitas. Deus ouviu-a. Nascida a 19.7.1802 na Casa da Ribeira,

---

de Margaride (Alv. de 30.5.1954), eng.º civil; Luís Henrique Cardoso Martins de Menezes \* a 1.10.1897, funcionário superior da Mabor, x na capela da Casa de Pindela a 8.4.1843 c. sua prima co-irmã D. Clotilde Helena Felgueiras e Sousa, s. g.; João Felgueiras Cardoso Martins de Menezes \* a 18.6.1899 † solto a 28.6.1973 na sua Casa de Margaride, s. g.; D. Margarida Helena, Viscondessa de Pindela pelo seu casamento, \* a 13.1.1902, x na Capela da Casa de Mateus, em Vila Real, a 16.8.1923 c. João Afonso Simão Pinheiro Lobo da Figueira Machado de Melo e Almada, 3.º Visconde de Pindela, sr. dessa Casa, eng.º agrónomo, c. g.; D. Maria da Conceição Cardoso de Macedo e Menezes, \* a 23.12.1903, solta; António Maria Cardoso Martins de Menezes, \* a 7.5.1908, sr. da Casa da Veiga, † no Porto a 29.10.1967, solto, c. g. (nota 10); D. Maria do Carmo, \* a 17.7.1910 x na capela de N. Sr.ª da Madre de Deus a 22.6.1935 c. José Adelino Cabral de Noronha e Menezes, das Casas da Bouça, em Lousada, e do Bovieiro, em Abragão, c. g.

<sup>9</sup> Da sua singeleza, graça e bondade fala-nos Alfredo Pimenta em «*Páginas Minhotas*», cap. XXXI, — João Cardoso.

<sup>10</sup> Vendida ao Estado em 1972 por D. Maria da Graça de Sousa Cardoso de Menezes (f.ª legitimada de António Cardoso Martins de Menezes, nota 9) x c. José António de Oliveira Teixeira, a Veiga é hoje Escola do Magistério Primário.

<sup>11</sup> Henrique Cardoso de Macedo, Fid. Cav.º da C. R. (Alv. de 2.11.1849), sr. da casa de seus Pais depois da morte de seu irmão mais velho, \* na Casa do Carmo a 19.8.1795 e aí † a 8.12.1875. Assinava Anrique Cardoso de Macedo, e ainda hoje há pratos que lhe pertenceram e a sua m.er marcadas com um L (Luísa) e um A (Anrique).

em S. João de Ponte <sup>12</sup>, é, desde menina, educanda no Convento de S. José do Carmo, em Guimarães <sup>13</sup>. Ei-la que espreita a 23.5.1835, «em uma das grades da parte de dentro», acompanhada de sua mãe, Dona Joana Maria de Araújo, toda envolta nos crepes da viuvez. Justa e contratada para casar com Henrique Cardoso de Macedo, irmão mais novo do Capitão Mor de Guimarães e da Abadessa do Convento de Santa Clara de Vila do Conde <sup>14</sup>, declara o seu dote <sup>15</sup>. Todas as quintas por ela compradas: a do Loureiro Novo, em Santa Eulália de Fermentões, da Cal, em St.º Estevão de Urgezes, a da Arrifana, em S. Salvador do Pinheiro. Os 11.400\$000 espalhados a juros, os 6.000\$000 em metal ali mesmo mostrados. A sua parte na grande fortuna dos Martins, os legados dos tios: Gualter, da Baía; Domingos, falecido no Porto; Luís, da Casa de Aldão; Francisco, da Casa de Minotes, nomes a marcarem na rota dos Brasis, nas quintas do Minho <sup>16</sup>. Fora das grades seu irmão Luís, o

<sup>12</sup> F<sup>ca</sup> de Jerónimo Ribeiro Bernardes, capitão de Milícias, sr. das Casas da Ribeira e da Veiga, e de sua m.er D. Joana Maria de Araújo Martins da Costa, da Casa de Minotes. (V. «*Casa da Ribeira, Velhas Casas I*»).

<sup>13</sup> Antes de nascer o f.º mais novo, Jerónimo Ribeiro Bernardes, Tenente das Milícias de Basto, embarcou para o Brasil, passando a 8.2.1806, já em Lisboa, uma procuração para sua m.er nas notas do Tab. Manuel Joaquim Xavier de Brito. Lá se demorou alguns anos, mas não se entendendo com os cunhados regressou a Portugal. Talvez por esse motivo, ou pela inconstância da época, (invasões francesas), D. Luísa Ludovina e suas irmãs foram desde muito meninas educandas do Convento de São José do Carmo, em Guimarães.

<sup>14</sup> O Capitão Mor era Domingos Cardoso de Macedo, Fid. Cav.º da C. R., Cav.º Prof. na O. de Cristo (dec. de 6.9.1823), Sarg.º Mor e Capitão Mor de Guimarães (dec. de 18.6.1813), Medalha da Efigie d'el Rei D. Miguel, sr. das Casas de Margaride e do Carmo, \* na de Margaride a 13.12.1780 e † na do Carmo a 31.1.1849, c. s. g. A irmã era D. Rosa Emília de S. José Cardoso, \* na Casa de Margaride a 24.10.1783, Religiosa Professora e Abadessa do Real Convento de Santa Clara de Vila do Conde, donde retirou por doença e Breve Apostólico, † na Casa do Carmo a 26.3.1870. Além doutros, falecidos meninos, teve Henrique Cardoso mais uma irmã: D. Ana Clementina de S. Joaquim, \* na Casa do Carmo a 15.5.1788, freira professora em St.ª Clara de Vila do Conde, onde † a 25.5.1834.

<sup>15</sup> «Dote para casam.t.º de Henrique Cardoso de Macedo com D. Luísa Ludovina de Araújo desta villa», a 23.5.1835. Tab. Nicolau Teixeira de Abreu (Arq. Par.º da Casa do Carmo e Arq. Mun. A. Pimenta).

<sup>16</sup> V. «*Casa de Minotes, Velhas Casas II*» e «*Casa do Salgueiral, Velhas Casas, III*».

noivo, o tabelião, as testemunhas. Traz Henrique Cardoso apenas duas quintas: a da Mouta, em Polvoreira, as do Carvalho e Subribas, em S. Miguel do Paraizo, e uma casa, antiga e bonita, na Rua Escura, em Guimarães. Os restantes bens dos Cardosos de Macedo, da Casa de Margaride, em S. Romão de Mesão Frio<sup>17</sup>, estão nas mãos de seu irmão mais velho, Domingos Cardoso de Macedo, Fidalgo da Casa Real, Capitão Mor de Guimarães, fiel partidário de El-Rei D. Miguel, a olhar esperançado para o mais novo, seu oposito nas ideias, na política e no génio<sup>18</sup>, a esperar que o casamento com a sobrinha de sua mulher<sup>19</sup> traga ao estouvado mano o bom senso e a tranquilidade.

<sup>17</sup> Os Cardosos de Macedo, da Casa de Margaride, em S. Romão de Mesão-frio, descendem em varonia de Pedro Enes, do Casal de Sairrão dessa mesma freg.<sup>a</sup>, † a 6.3.1625 (M 1), 4.º avô de Henrique Cardoso de Macedo. Um seu neto, Domingos Enes da Guerra \* 1647 (também neto de Pascoal Mendes da Guerra, nota 7) x 1.º 24.2.1664 (M 1) c. Maria do Couto, sr.<sup>a</sup> do Casal de Margaride, e herdou o casal da única filha que teve deste matrimónio, † m a seguir a sua mãe. Pasando a 2.ª núpcias, teve entre outros a Jerónimo Enes (1679-1744), sr. do Prazo de Margaride, x a 7.5.1731 em S. Lourenço do Selho c. Custódia Cardoso de Macedo, sr.<sup>a</sup> do Casal da Taipa, nessa freg.<sup>a</sup>. Foram pais de Domingos José Cardoso de Macedo (1733-96), Cav.<sup>o</sup> Prof. na O. de Cristo (12.4.1769), Fid. da Cota d'Armas (C. de 16.11.1770): escudo partido no 1.º Macedo no 2.º Cardoso e por diferença uma brica de prata com uma lua vermelha. Timbre dos Macedos), pai do Capitão-Mor e seus irmãos. Pelo avô materno, Manuel de Macedo, Domingos José Cardoso de Macedo era dos Macedos, sr.s da Q.t.<sup>a</sup> da Granja, em S. Salvador do Souto, descendentes de Martim Gonçalves de Macedo «fidalgo mt.<sup>o</sup> honrado e valeroso q em a batalha de Aljubarrota cahindo ElRey D. João I lhe acodio e matou a Alvaro Glz Sandoval Cav.<sup>o</sup> Castelhanos que lho tinha pegado na massa...»; e pela avó materna dos Cardosos do Cano, que segundo uma carta d'armas de 1619 (dada a João Gomes Cardoso, in «*Brasões Inéditos*», Suplemento, p. 23), vêm por linha feminina dos sr.s da Honra de Cardoso.

<sup>18</sup> Sendo o Capitão-Mor miguelista e Henrique Cardoso liberal, houve várias desavenças entre os dois irmãos. V. «*Genealogias Vimaranenses*» de Helena Cardoso de Macedo e Menezes e da minha autoria, p. 108. O jornal «Religião e Pátria», n.º de Julho e Agosto de 1872, ao rebater artigos de «O Echo», cita as ideias liberais de Henrique Cardoso «emquanto todos os seus eram realistas», desmentindo as falsidades publicadas por este último periódico que afirmava ter ele sido despresado pela família e passado necessidades.

<sup>19</sup> Domingos Cardoso de Macedo tinha casado na ig.<sup>a</sup> de Fermentões a 5.8.1818 c. D. Luísa Rosa de Araújo Martins da Costa, sr.<sup>a</sup> da Casa de Minotes e de muitas outras quintas: (V. «*Genealogias Vimaranenses*», p.107 e «*Casa de Minotes, Velhas Casas II*»), irmã da mãe de D. Luísa Ludovina. Apesar de não terem f.os aumentaram um andar à sua Casa do Carmo, em Guimarães, onde viveram.

Dois dias depois casam na igreja de Creixomil<sup>20</sup>. Vão viver para a Veiga, casa da família da noiva. Em um só ano dois filhos: — a 8.1.1836 nasce Luís, a 28.12 Domingos<sup>21</sup>. Pela casa, salas e jardins saltam e brincam o futuro 1.º Conde de Margaride e seu irmão Domingos, tão cedo levado para Deus<sup>22</sup>. Finalmente, a 2.1.1839, cumpre-se o outro desejo de Dona Luísa Ludovina. Doada por sua mãe e irmãos recebe a Veiga «com todas as suas casas, Pomares, Campos e mais terras de cultura e mattos, Devezas, agoas, servidoens e todas as outras pertenças», tudo estimado em quatro contos de reis<sup>23</sup>. Com seu marido aceita-a Dona Luísa «de boa vontade e tomam a seu cargo a administração dela vivendo lá como já vivem vigiam os caseiros colonos», fazem «reparos e melhoramentos»<sup>24</sup>, e dão a sua mãe e sogra, em substituto do usufruto, que tinha oito carros de pão, dois de lenha e 43\$200 em cada ano pelo vinho e frutos.

<sup>20</sup> Foi a 25.5.1835 (C. 2 Creixomil), por a família da noiva estar então na sua Casa do Salgueiral (V. *Casa do Salgueiral, Velhas Casas III*). Foram testemunhas Rodrigo José de Sousa Lobo de Menezes, mor à Porta de S.º António, e o Dr. Francisco Leite Pereira da Costa, primo da noiva.

<sup>21</sup> Luís foi bap. a 11 do mesmo mês na igreja de S. Pedro de Azurém. Foram padrinhos «o ill.mo Luis Martins da Costa e sua mãe, avó materna do Baptisado assistindo com sua procuração o ill.mo Francisco Ribeiro Bernardes, 2.º Primo do Baptisado». Por ocasião desse nascimento escreveu o Capitão-Mor a seu irmão Henrique a seguinte carta: — «Mano do meu coração,

Muito lhe agradeço a participação que me fez do Bom-Sucesso da Ex.ma S.rª D. Luízinha desejo que se restabeleça sem maior incomodo e que o recém nascido prospere no que lhe apetercer

seu mano do coração

Domingos Cardoso de Macedo (Arq. Part.

da Casa do Carmo).

Domingos «por comodidade dos padrinhos» foi Bap. a 30-12 na Igreja de S. Miguel do Castelo, foi afilhado de seus tios Domingos Cardoso de Macedo e m.er D. Luísa Rosa m.res na Rua do Poço (Casa do Carmo). L.º de Bap. de 1825 a 1860, freg.ª de S. Pedro de Azurem, p. 61 e 64 vº. Arq. Mun. A. Pimenta.

<sup>22</sup> Domingos Cardoso Martins da Costa Macedo, † na Casa do Carmo a 29.5.1857.

<sup>23</sup> «Doação que fez D. Joana Maria de Araujo viuva a sua filha D. Luisa Ludovina de Araújo Martins casada com Henrique Cardoso de Macedo». Notas do Tab. Nicolau Teixeira de Abreu (10-5-7), p. 122vº (Arq. Mun. A. Pimenta).

<sup>24</sup> Penso que depois das obras feitas a Casa ficou com o aspecto que tem na fotografia.



O Sr. Conde de Margaride e sua mulher,  
recém-casados



O Sr. Conde de Margaride (à direita)  
acompanhado de Martins Sarmento (à  
esquerda) e Visconde de Pindela (ao  
centro). Sentado, Domingos Martins da  
Costa Ribeiro (Agra)



O Sr. Conde de Margaride fardado de moço fidalgo e de Par do Reino



O Sr. Conde e a Senhora Condessa de Margaride rodeados de seus filhos e netos



A Casa da Veiga, em 1909, vendo-se o Sr. capitão Alberto Margaride em exercícios hípicas sobre um carro de bois

A sua devoção leva-os a erguer uma capela na casa <sup>25</sup>. Mês de Maria, mês do Rosário, mês das Almas. Novenas, ladainhas, perfume de flores, de incenso. Piedade, recolhimento. Mas a vida de D. Luísa Ludovina, toda alvoroçada com as cambraias para o bragal da primeira neta <sup>26</sup> extingue-se no Carmo a 16.1.1867. Já há meses a Quinta da Veiga, juntamente com o Casal da Eira e o Prazo do Chamiço e os do Cabo, Portela, Bassaim, Bouça e Venda, em S. Martinho de Leitões, os de Fundevila, Melião e Reguengo, em S. Paio de Figueiredo, e vinte contos em títulos rendíveis do Banco Comercial do Porto, pertencem a seu único filho, Luís Cardoso Martins da Costa Macedo <sup>27</sup>.

Luís Cardoso Martins da Costa Macedo, nascido na Veiga, 1.º Visconde (dec. de 1.8.1872) e 1.º Conde (dec. de 3.3.1877) de Margaride, Fid. Cav.º da C. R. por sucessão (alv. de 15.8.1862), do concelho de S. M. Fidelíssima (dec. de 1.10.1874), bacharel formado em Filosofia, Com.or da O. da Conceição (dec. de 14.9.1876), Grã-Cruz da O. de Cristo (alv. de 8.1.1907), Par do Reino por carta régia de 29.12.1881, de que tomou assento e prestou juramento na sessão da Câmara dos Pares a 18.12.1882, Governador Civil de Braga (12.10.1871-15.3.1877), Governador Civil do Porto (6.2.1878-3.6.1879), Procurador da Junta Geral do Distrito de Braga e por várias vezes presidente da Câmara Municipal de Guimarães...» <sup>28</sup>.

Conde de Margaride... retratos, fotografias, cartas. Rapaz novo, lunetas, bigode e mosca, sobrecasaca e «chatelaine». Chapéu alto, calça clara, já de barbas, recém-casado ao lado de sua linda mulher <sup>29</sup>, a mesma «chatelaine», outra sobrecasaca. Nos a

<sup>25</sup> Não se encontra a licença para a capela no Arquivo Distrital de Braga. É possível que esteja no Paço Episcopal.

<sup>26</sup> Carta de D. Luísa Ludovina para seu filho Luís, fazendo-o saber da impossibilidade de encontrar cambraia em Guimarães. (Arq. Part. da Casa do Carmo).

<sup>27</sup> Esta doação foi feita a 27.6.1866 nas notas do Tab. José Joaquim de Oliveira in «Alvará d'insinuação passado a favor do Ex.mo Luís Cardoso Martins da Costa Macedo, Fidalgo Cavaleiro da Caza de Sua Magestade Fidelíssima e Bacharel Formado em Filosofia pela Universidade de Coimbra desta cidade e actualmente residente na quinta da Veiga, freguezia de São Pedro de Azurem deste Concelho». (Arq. Part. da Casa da Veiga).

<sup>28</sup> «Genealogias Vimaraneses», p. 109.

<sup>29</sup> Casaram a 5.7.1866 na capela da Casa da Portela, S. Jorge do Selho (Pevidem). D. Ana Júlia Rebelo Cardoso de Menezes, n. em Vila Real, na Rua Direita, a 3.8.1838; era sr<sup>a</sup> da capela de Arroios, em Arroios,

óleo, fardado de moço-fidalgo, de Par do Reino, grave, olhos mortiços nas pálpebras empapuçadas, grã-cruzes e manto, severo, distante, pendurados nas salas familiares, dedos a mostrarem-nos desde meninos: «É o bisavô Margaride». Velho, na última fase da vida, agarrado à bengala, sentado ao lado de sua mulher, a bisavó, bonita, cabelos todos brancos, rosto alegre e vivo, rodeados dos filhos, das noras, dos muitos netos, uns já grandes, outros ao colo, num bulício alegre de família numerosa. Evocá-lo. Tirá-lo dos retratos. Tentar dar vida a essas imagens.

Velhinho, a fazer correr os netos no corredor da sua Casa do Carmo: — «Para o primeiro que chegar. Um! Dois! e Três». Rapaz, entre os seus primos dilectos: os de Agra, Martins Sarmiento, os estudos, as conversas, Leite de Vasconcelos nas férias passadas em sua casa<sup>30</sup>, a estadia em Coimbra donde, saudoso de Guimarães, «torcia as orelhas»<sup>31</sup>, o latim que tão bem fala e escreve<sup>32</sup>.

Vila Real e foi Condessa de Margaride, pelo seu casamento, † em Guimarães, na Casa do Carmo, a 31.12.1911. Era f.<sup>a</sup> de Bernardino Felizardo Rebelo de Carvalho, Alferes dos Dragões de Chaves e de sua m.er D. Matilde Carolina Cardoso de Menezes Girão, sr.<sup>a</sup>, por morte de seus irmãos, do Morgadio de Paredes (v. *Árvore de Costado*).

Era sr. da Casa da Portela, na altura do casamento, José Sebastião Cardoso de Menezes Barreto, M. F. C. R. (parente do noivo pois este, por sua mãe, descendia por três linhas, da Casa da Portela, e também parente da noiva pelos Cardosos de Menezes), c. c. D. Antónia Casemira Rebelo Cardoso de Menezes, irmã da noiva. Foi celebrante o P.<sup>o</sup> João Rebelo Cardoso de Menezes, depois Arcebispo de Larissa e de Mitilene, coadjutor e futuro sucessor do Bispo de Lamego, irmão da noiva. Tinha a Condessa de Margaride muito parentesco com famílias de Guimarães; descendia, por sua mãe, de Pedro Cardoso do Amaral e Menezes e m.er, D. Isabel de Carvalho, instituidores do vínculo de Paço de Nespereira com capela da Imaculada Conceição, nos claustros da Colegiada de N. Sr.<sup>a</sup> da Oliveira.

<sup>30</sup> «*Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmiento*», Guimarães 1958. Em algumas destas cartas, Leite de Vasconcelos, parente da Condessa de Margaride, faz referência às férias que passava, sempre que podia, em Guimarães, na Casa do Carmo.

<sup>31</sup> Carta de Luís Cardoso, para seu pai, sem data e escrita de Coimbra, queixando-se das saudades de Guimarães e da extensão do período dos estudos.

<sup>32</sup> Correspondia-se em latim com alguns dos seus amigos e como latinista é citado por Alfredo Pimenta nas «*Páginas Minhotas*». Além das suas intervenções na Câmara Alta e vários artigos em jornais, colaborou em «*Os Lusíadas*», ed. comemorativa do IV Centenário do Descobrimento da Índia, Lisboa 1898 (estrofe XI do Canto X).

O seu amor à justiça, à honradez, à caridade. «Nunca roubei, dizia, porque nunca tive fome, não posso julgar». Defendia os interesses de Guimarães. Discursava pela conservação da Colegiada<sup>33</sup>, lutava por melhoramentos, pelo caminho de ferro<sup>34</sup>, pelo progresso da cidade. Conhecedor profundo do Minho, da

---

<sup>33</sup> V. «Acta da sessão de 1.9.1919 da Associação Comercial de Guimarães».

<sup>34</sup> Por achar de interesse transcrevo aqui a seguinte carta: — Ill.m<sup>o</sup> e Ex.m<sup>o</sup> Conselheiro António Maria de Fontes Pereira de Mello, D. Presidente do Conselho de Ministros, Lisboa.

Ill.m<sup>o</sup> e Ex.m<sup>o</sup> Sr.

Meu respeitável amigo:

Está produzindo um pessimo effeito a opposição do Governo à abertura do caminho de ferro de Guimarães.

Os portuguezes foram burlados por meia duzia de traficantes inglezes que abriram a subscrição para a construção d'aquelle caminho *com a condição de restituirem o capital subscrito quando o capital pedido não tivesse tornadores*. Na Inglaterra ninguém subscreve e cá não se chegou a passar metade das acções. Apesar de tudo, os Directores de Londres principiaram a construção e o resultado foi fallir a comp<sup>a</sup>, faltando a todos os seus compromissos.

Contra este roubo escandaloso nunca houve uma palavra de reclamação por parte do Governo Portuguez. Deixou contractou *conscientemente* com os traficantes *seus patricios*, e não quer agora sujeitar-se à sorte dos que contratam com fallidos. Impoz-se na concessão à nova companhia que é portugueza e propõe-se a fazer de graça uma via ferrea mais importante do que m.tas subsidiadas, uma clausula pouco intelligivel dizendo-se n'essa m.ma clausula que aos tribunaes judiciais compete dirimir qualquer questão sobre ella levantada, na conformidade das nossas leis. Que tem o Governo com isto? Quer com embaraços forçar uma companhia benemerita a pagar o que outra companhia, ou melhor o que meia duzia d'inglezes patifes ficou devendo depois d'enganar os portuguezes incautos?

Isto, francamente, não se justifica, a não ser por nos considerarmos já uma colonia ingleza.

Declaro a V. Excia que não tenho uma só acção da nova empresa. Mas revoita-me esta injustiça.

Os inglezes, a par das m.tas qualidades pessimas que os tornam odiosos em toda a parte, tem algumas boas e entre estas a de acatarem m.t<sup>o</sup> as decisões dos tribunais. Por isso eu não creio que seja *causus belli* a negativa do Governo a intrometer-se, como se estivéssemos em pleno absolutismo, nas pendencias affectas a outro poder. Eu creio, como toda a gente, que à sombra da bandeira ingleza especulam portuguezes. Peço a V.E.cia que se acautelle. Chame o Governo a questão a si, e resolva-a sem contemplosões.

Por via d'estas estão os Ministros soffrendo diarias accusações, e vae-se estabelecendo uma descrença geral. V. Excia no meio d'este mal

gente minhota, sua raça, seu sangue, sua terra, convidava os ministros: «...s. ex.as vão lá — para entrarem nos povoados entre muzicas e foguetes e com uma extensa cauda de carruagens para em diferentes jantares levantarem e aturarem vários brindes, tão falsos como o Champagne em que se diluem, e — para finalmente, regressarem à Capital antecidos pelo pregão da sua popularidade, estampada nos jornais ministeriais.

Mas se s. ex.cias querem desenganar-se, eu ofereço-lhes um meio. Tenho na provincia, uma casa, onde tenho muita honra e muito prazer em os receber, não principescamente, como v. ex.cias merecem, mas com a vacca e o riso <sup>35</sup> do meu metropolitana D. Frei Bartolomeu dos Martires. Não impedirei os festejos dos seus correligionários; vêl-os-hei até com satisfação. Só peço uma concessão, é que s. exc.as disponham d'uma tarde para irmos surprehender no seu viver intimo 4 ou 6 lavradores dos arrabaldes da cidade. Então, s. excias verificarão que este paiz, não é essencialmente agrícola, como por euphemismo rhétorico se proclama, mas apenas essencialmente pobre...» <sup>36</sup>.

Gostariamos de o ter visto receber em sua Casa, em várias ocasiões, a Suas Magestades os Reis D. Luís, D. Maria Pia,

---

dizer de todos conserva ainda um prestigio excepcional no paiz. Merece-o, e é indispensável que o conserve, pondo o seu veto o que for menos justo.

Nós contamos com a boa vontade do Sr. Hintze Ribeiro, mas elle está opprimido e já o mostrou n'uma portaria que ou foi uma inutilidade ou, o que é pior, uma insinuação aos tribunais. Desopprima-o VECia, e desculpe quem é com m.ta consideração e respeito

De V. Excia

m.tº aff.tº e reconhecido amigo

Conde de Margaride

Caldas das Taipas, 22 d'agto de 1883.

<sup>35</sup> Alusão à vida frugal de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga (1514-90), exemplo de caridade. «...Da sua mesa, a ementa era invariável a vaca e o riso. A vaca constituía o prato comum e o riso alem da boa cara e do fuzilar branco dos dentes à obra, a perfeita digestão. A quem o admoestava dos poucos cuidados que tinha consigo dizia, aludindo ao número das paróquias da arquidiocese: — Sou o fisico-mor de mil e quatrocentos hospitais. Não posso empregar mal um ceutil» in «Dom Frei Bartolomeu» por Aquilino Ribeiro, p. 42.

<sup>36</sup> «Bill de Indemnidade» — sessão da Câmara dos Dignos Pares de 11 d'Agosto 1887, pelo Conde de Margaride. Por'co, Tip. de A. J. da Silva Teixeira.



D Carlos, D. Amélia e D. Manuel II <sup>37</sup>, a hospedá-los, a oferecer-lhes banquetes e recepções, a dar a Guimarães uma amostra da grandeza da côrte. E também saber das esmolas por ele dadas, mansamente, escondidamente, sobre tantos necessitados. Mais fácil, se torna, pelos jornais, acompanhá-lo, como todo o Guimarães o acompanhou, quando do conflito entre esta cidade e Braga.

«À Junta Geral do Distrito (fora apresentada uma proposta para a criação do curso complementar dos liceus». Alguns procuradores, os de Guimarães, puzeram dúvidas «não impugnavam a criação do curso apenas queriam a certeza que as circunstâncias económicas do distrito e concelho, não seriam agravadas». Braga, Barcelos, Vila Verde «apoiam calorosamente a proposta, a discussão é dada para a ordem do dia de sessão de 28.11.1885 <sup>38</sup>». Propostas e contra-propostas são apresentadas em vivos debates, chegam ao ataque pessoal, palavroso e exaltado. O procurador por Vila Verde «aproveita para invectivar rude e insólitamente o Sr. Conde de Margaride e demais procuradores por Guimarães» <sup>39</sup>, responde o Conde de Margaride. Vasco Jácome, da Casa do Avelar, em Braga, prova, nesta discussão, ser a razão dos de Guimarães. Pela cidade correm boatos, espalham-se notícias.

— «Os de Guimarães não querem o liceu». «Querem o dinheiro para eles, querem para lá os estudos». — «Olha para eles, os fidalgos, julgam-se mais do que nós. Olha os duas caras, vamos a eles!». Ao sair da Junta, José Martins Minotes, procura-

---

<sup>37</sup> As visitas régias à Casa do Conde de Margaride pertencem mais à história da Casa do Carmo, onde decorreram. Aqui limitamo-nos a mencioná-las: a 2.7.1872 S. M. El Rei D. Luís e o Infante D. Augusto aí se hospedaram. A 20.10.1887 deram recepção, almoçaram, jantaram e dormiram S. S. M. M. os Reis D. Luís e D. Maria Pia, S. S. A. A. R. R. os Príncipes D. Carlos e D. Amélia e o Infante D. Afonso. A 29.11.1891 jantaram e passaram a tarde El-Rei D. Carlos e a Rainha D. Amélia. A 17.7.1906 almoçou e dormiu El-Rei D. Carlos, o que repetiu a 13.7.1907, tendo então também jantado. Finalmente, a 21.11.1908, El-Rei D. Manuel deu recepção, almoçou e jantou, descansando nos mesmos aposentos que serviram a seus Augustos Pais e Avós.

<sup>38</sup> in «*Religião e Pátria*», de 3.12.1885.

<sup>39</sup> Eram nessa ocasião procuradores por Guimarães, o Conde de Margaride, o Dr. Joaquim de Meira e José Martins de Queirós Minotes, os três vimezanenses mais representativos de então. Depois deste episódio nunca mais o Conde de Margaride quiz voltar a Braga.

dor por Guimarães, dá com um pequeno grupo, a vaiar e a asso-biar. Durante meia hora, amigos impedem a saída dos outros, que vão depois, sem incidentes, até ao seu hotel, passeando-se calmamente pelas ruas. Mas os grupos crescem, engrossam e às 4,30 da tarde, ao tomarem o trem de regresso a Guimarães, são «envolvidos e seguidos por 2.000 pessoas pelo menos», num coro de assuadas e morras. Polícia, não se vê. Da rua de S. Marcos para o Campo dos Remédios surge uma ou outra pedrada, saltam mais do Campo à Rua do Raio. Aqui cresce a fúria. Desce mais gente pela Rua das Águas. Pedras, lama, morras, chovem por cima do carro, dos cavalos, do cocheiro, dos procuradores vimaranenses. Vibra Guimarães com o insulto. À volta do Conde de Margaride, do Dr. Joaquim de Meira, de José Minotes, juntam-se todas as classes sociais. De Lisboa vem, especialmente, João Franco. Trinta tréns, três bandas de música, foguetes, autoridades, todo o povo, esperam-no <sup>40</sup> em delírio.

João Franco Castelo-Branco, estadista e chefe do «Franquismo». Deixemos que fale: *«Ligara-nos (a ele e ao Conde de Margaride), por bem mais de trinta annos uma tão firme e excepcional amizade; factos e acontecimentos dos mais importantes e memoráveis da minha vida publica haviam encontrado nelle uma parte tão principal e interessada, que ao ver dormir para sempre um dos ultimos e o mais graduado dos homens a quem devi as melhores recordações da carreira politica, as mais puras e as mais queridas, tornei como que a viver todo esse passado...»* <sup>41</sup>.

Passado a falar na Câmara Alta, a mostrar os males do país: — *«...este e outros documentos mostram que nós não enfermamos só de um déficit, mas de três: déficit de juizo, déficit de moralidade, e, como consequência déficit de dinheiro»,* a dar remédio, a criticar *«os ministros fazem e deixam fazer o que lhes apetece, sem outra consequência que não seja, quando é, a sua saída do Governo! Arvorando-se em ditadores, solenemente, ou à capucha, talham a seu talante sinecuras sem numero, viagens à grand seigneur, festejos, ofuscantes, abonos duvidosamente cobráveis e... findam por enviar o rol das despesas ao*

<sup>40</sup> Nota 38.

<sup>41</sup> Carta do Conselheiro João Franco ao 2.º Conde de Margaride, datada de 2.8.1919.

contribuinte cuja bolsa é sempre o unico homisio da fugitiva, chamada «responsabilidade ministerial»<sup>42</sup>.

Morreu a 30.7.1919. Procurou ser, e foi «primeiro, homem de bem, depois portuguez, depois monarchico e affeição aos actuaes monarchas, mas entrando no paço com a verdade, doce, ou amarga, nos lábios...»<sup>43</sup>. Assim foi a vida de Luís Cardoso Martins da Costa Macedo, 1.º Conde de Margaride, na Veiga nascido.



«Primeiramente hum corrente de cazas que são dois sobrados... e para a parte do poente hum rocio com sua lata por cima»<sup>44</sup>. Latada enroscada de verde, fresca, risonha: gavinhas e folhas a despontarem na Primavera, roxos cachos a balouçarem-se no Outono. À volta, um dos lados aberto, a acolher, a Casa. Da varanda, a dar para as salas, desce a escada de pedra virada a nascente. No outro correr, mais modesto, «serve para

---

<sup>42</sup> «A propósito das respostas tributárias-sessão da Camara dos dignos pares em 23.2.1892», pelo Conde de Margaride. Guimarães, Tip. de Silva Caldas, 1892.

<sup>43</sup> Idem.

<sup>44</sup> «Carta de Emprazamento e renovação dos Aforamentos em vidas de tres pessoas feita a Jerº Ribeiro Bernardes do Casal da Veiga de Baixo, freguesia de São Pedro de Azurem, Termo da vila de Guimarães como adiante se declara» a 12.12.1818. Arq. Part. da Casa da Veiga. A carta é passada «em nome de Dona Carlota por Graça de Deos Rainha do Reino Unido de Portugal e do Brasil e dos Algarves d'aquem e d'alem mar em Africa, Senhora da Guiné...» etc., etc., tem o selo Real com as Armas de Portugal e Brasil unidas. Nela assim se descreve a Casa da Veiga: «...Primeiramente hum corente de cazas que são dous sobrados e tem duas cazas cozinhas tudo em hua corente que sendo medido tudo junto de norte a sul tem de comprido vinte e cinco varas e na cabeça do norte de la go seis varas e na parte do Nascente tem no sobrado huma Varanda com sua escada de pedra, esta corrente de cazas tem quatro portas para a parte de Nascente, duas no sobrado, duas na cozinha, e na Loge para a mesma parte do Nascente também tem duas portas, e na cabeça do Sul do sobrado tem huma janella e para a parte do poente tem outra janella e nas cozinhas para a parte do Poente tem duas portas = item outro corrente de casas que servem de recolhimento de gados com seu alpendre que ficão a parte do poente das casas acima medidas... e entre este corrente de cazas e as cazas de sobrado e cozinhas fica hum rocio com sua lata por cima = Item mais outro corente de cazas que ficão pegadas na eira a parte de nascente... tem este corrente de cazas duas portas para onde fica a eira = Item a Eira deste casal com sua latada...»

recolher os gados», o alpendre, portas das lojas a abrirem para o pateo, galinhas a ciscar, rima de mato acabada de chegar. Em frente, a eira aquecida pelo sol de muitos verões, cheia da fatura dos campos. Casa da Veiga, primeiro quartel do século XIX. Renovam-lhe o aforamento em vida, seus senhores Jerónimo Ribeiro Bernardes e sua mulher, Joana Maria de Araújo, moradores na sua Casa da Ribeira, na freguesia de S. João de Ponte <sup>45</sup>.

Entre outras propriedades, a 9.9.1795, Gualter Ribeiro Bernardes, viúvo e morador na sua quinta do Bouro, em S. Lourenço do Selho, entrega em dote a seu filho, Jerónimo Ribeiro Bernardes, «a sua quinta da Veiga de Baixo cita na freguesia de São Pedro de Azurem», reservando para si o usufructo, enquanto vivo for» <sup>46</sup>. Vinha-lhe a quinta por sua mãe <sup>47</sup>,

<sup>45</sup> «*Casa da Ribeira, Velhas Casas I*».

<sup>46</sup> Ao casarem, Jerónimo Rib<sup>o</sup> Bernardes e D. Joana Maria de Araújo, fizeram duas escrituras, ambas em Minotes e a 9.9.1795. Uma na nota do Reguengo, copiada a 21.2.1828 por Joaquim José Peixoto da Costa, Tab. e Escrivão dos Reguengos na vila de Guimarães (Arq. Part. da Casa do Carmo), a outra na Nota do Tab. Nicolau António Pereira (14-3-1 do Arq. Mun. A. Pimenta). Na 1.<sup>a</sup>, Gualter Ribeiro Bernardes dota o filho com todos os seus bens reguengos: a quinta da Veiga de Baixo, em Azurém, e a Leira da Seara, em S. Pedro Fins de Gominhões, reservando para si o usufructo. A mãe da noiva dá-lhe 800\$000 da legítima paterna, 2 cordões de ouro de 34\$000; seu irmão Luís, em nome do tio Gualter Martins da Costa, entrega-lhe 400\$000, um relicário de ouro cravejado de diamantes, um cordão de ouro e uns brincos de ouro e diamantes. Na 2.<sup>a</sup> escritura o noivo dota-se a si mesmo com as propriedades herdadas de sua mãe: a Quinta da Ribeira e o casal do Assento, em S. João de Ponte, entrega-lhe seu pai a Quinta do Bouro, o Eldo da Boucinha, mais todas as casas, quintais e hortas que tem em S. Lourenço do Selho, o Prazo privilegiado de Riba Rio, em S. Torcato, o das Hortas do Prior, em Guimarães, no Campo da Feira, o casal do Pinheiro e o campo das Hortas, em Garfe, as terras que possui em Gondomar, metade das vasilhas de recolher o pão e vinho e todas as apeirias de lavoura na forma dos arrendamentos que tinha com os então caseiros. O tio da noiva, Domingos Martins da Costa, manda dar 2.200\$000 «por fazer grande gosto no presente casamento».

<sup>47</sup> Gualter Ribeiro Bernardes, pai do noivo, recebera «o prazo da beigua de baixo sito na freg.<sup>a</sup> de S. Pedro de Azurem» e todas as demais propriedades com que por sua vez dota o filho (nota anterior), das mãos de sua mãe viúva, ao casar com Maria Joana de Castro Salgado, Sr.<sup>a</sup> da Q.<sup>ta</sup> da Ribeira e de meio quarto do Casal do Assento em S. João de Ponte. «Dote de Gualter Ribeiro Bernardes de S. Lço de Sima Selho com Maria Joana de Crasto Salgada da Freg.<sup>a</sup> de SamJoam de Ponte Tr.<sup>o</sup> desta villa de G.es», a 4.5.1775. Tab. José António Rodrigues, p. 139v<sup>o</sup> Arq.

Mariana Ribeiro Bernardes. Entregue a caseiros, descansa, durante estas gerações, a Veiga. Canta-a à noite um luar clarinho, agita-a a mansidão do trabalho rasteirinho da terra. Até que D. Luísa Ludovina de Araújo Martins da Costa, filha de Jerónimo Ribeiro Bernardes, nela vindo habitar, dá novamente a vida à casa onde nascera sua bisavó paterna, Mariana Ribeiro Bernardes.

Baptizada na igreja de São Pedro de Azurém, a 22.9.1695, nascida e criada na Veiga <sup>48</sup>, Mariana Ribeiro Bernardes é a nona filha de António Ribeiro, e mulher, Maria de Freitas <sup>49</sup>. Na mesma igreja, a 23.5.1723, recebe por marido a seu parente Pedro Fernandes Machado, da quinta do Bouro de Cima <sup>50</sup>. Enquanto

---

Mun. A. Pimenta. Gualter Ribeiro Bernardes fez o reconhecimento da Qt<sup>a</sup> da Veiga como sua a 24.9.1794, como 3.<sup>a</sup> vida que era no Tombo dos Reguengos. «Reconhecimento que fez Gualter Ribeiro Bernardes da terceira vida do casal chamado da Veiga», Tombo do Reguengo (18-2-24, Arq. Mun. A. Pimenta).

<sup>48</sup> N. na Veiga e foi B. em Azurém a 22.9.1695, afilhada de Francisco Ribeiro, irmão de seu pai, m.or em Azurém, e de Margarida da Silva, m.er de João Ribeiro, sr. do Casal de Paços, Atães, também irmão de seu pai.

<sup>49</sup> Foram f.os de Jerónimo Ribeiro e Maria de Freitas todos nascidos na Veiga onde viveram mesmo antes de Maria de Freitas a ter herdado: a) Margarida Ribeiro, \* a 1.9.1678 e † no Cano a 18.6.1724, x em Azurém a 23.5.1706 c. Domingos da Silva de Freitas, ferreiro, † no Cano a 12.3.1721, c. g. (Paulo, n. em 1709, Catarina Ribeiro Bernardes, n. em 1719 x 1727 c. Manuel Machado da Silva, de Rendufe, António, n. em 1713, Manuel n. em 1717 e Maria n. póstuma em 1721); b) Ana Ribeiro, \* 11.12.1680 † solt<sup>a</sup> a 27.2.1753, sep. em Azurém com hábito de religiosa Dominica; c) Maria, B. a 8.12.1682 † na Veiga a 3.1.1701, solt<sup>a</sup>; d) Bento, \* a 25.3.1685, provavelmente † m.; e) Catarina Ribeiro, \* a 24.2.1687 † no Cano a 19.9.1764 x c. Miguel da Silva, cutileiro; à data de sua morte ficaram-lhe duas f.as: Rosa Maria Ribeiro x em 1739 c. Francisco Mendes, e Ana Maria; f) Francisco Ribeiro Bernardes, B. a 17.2.1689 † solt<sup>o</sup> na Veiga a 2.5.1714; g) José, B. a 30.9.1691 † m.; h) Antónia, \* a 20.3.1693 † m.; i) Mariana Ribeiro Bernardes, suc. a seus Pais, no texto; j) Jerónima Ribeiro, \* a 9.3.1699 x a 24.9.1723 c. Gabriel da Costa, do Casal do Barregão, S. Lourenço de Selho, viveram 1.<sup>o</sup> na Veiga e depois na Rua do Cano, c. g. F.os: todos nascidos na Veiga; Ana Maria Perpétua, n. em 1724, Pedro em 1726, Tomé em 1727 e Maria em 1729, s. m. n.

<sup>50</sup> C. 1 Azurém. Pedro Fernandes Machado, \* no Casal do Bouro de Cima, freg<sup>a</sup> de S. Lourenço de Selho, a 31.11.1700, f<sup>o</sup> de Domingos Fernandes e de sua m.er Maria Luís, sr.s desse casal (rec. em S. Lourenço a 5.1.1692), neto pat. de Tomé Fernandes e m.er Maria Ribeiro, sr<sup>a</sup> do Casal de Paços, Serzedelo, e mat. de Gonçalo Luís, sr. do Casal do Bouro,

correm os seus 87 anos de vida <sup>51</sup>, dedos gastos pelas contas do rosário, olhos a reverem-se em filhos e netos <sup>52</sup>, tentemos mostrar a sua origem, donde vem esta sólida raça, senhores da Casa da Veiga, em S. Pedro de Azurém.



Vem a Veiga de tempos remotos. Uma história muito simples um fio de água a vir de longe, sem escolhos, a deslizar pelas gerações. «...et aliud casale Johannes de Veyga dat annuatim j. spatulam cum xij. costis, et j. cabritum, et tertiam quartam vini et j. alqueire castanearum;...» <sup>53</sup>. Assim era a Veiga ao tempo das Inquirições de El-Rei D. Afonso III. De João da Veiga, de 1258, até Gaspar Gonçalves, senhor do mesmo casal em meados de mil e quinhentos, que há? quantas vidas soluçam, rezam, cantam? Unidos naturalmente pelo sangue, pois as terras regue-ngas e fartas andam de geração em geração, quantos nomes os separam, quantos sucessos tapados pela terra que ambos moveram e amaram? Gaspar Gonçalves, da Veiga de Baixo, tem, pelo menos, duas filhas: Ana Francisca, que casa em 1587 com Domingos Fernandes, de Santiago da Póvoa <sup>54</sup> e Isabel Francisca, que fica senhora da quinta e é mulher de Sebastião Vaz, falecido na Veiga em 1598 <sup>55</sup>. Leves no tempo, quase apenas nomes, surgem-lhe os filhos nos assentos de baptismo: Silvestre, Francisco,

e de Ângela Fernandes. Era bisneto na varonia de Tomé Fernandes e de sua mer Maria Gonçalves, Sr.s do Casal da Taipa em S. Lourenço de Selho.

<sup>51</sup> Faleceu no Bouro a 26.4.1781. O marido tinha morrido a 3.8.1773. Ambos sep. como toda a família nas suas campas junto à porta travessa nesta igreja (O. I. S. Lourenço).

<sup>52</sup> Foram seus f.os: Ana Maria, \* a 5.6.1724, no Bouro, Antónia Maria \* a 18.4.1727, † m., Manuel \* a 26.1.1730 † m., Josefa Luísa Bernarda \* a 21.11.1732 † em Currundela, S. Torcato a x em S. Torcato a 8.3.1765 c. José António de Faria, da Casa de Currundela (C. 2 S Torcato), s. g., Gualter Ribeiro Bernardes, suc., no texto, e Antónia Maria \* a 18.4.1740.

<sup>53</sup> «*Vimaranis Monumenta Historica*». Pars. II, — Inquisitiones Regis D. Alphonsi III — 1258 — pág. 226 freg<sup>a</sup> S. Pedro d'Azurey.

<sup>54</sup> Misto 1 Azurém.

<sup>55</sup> A 24.5.1599 † «bastião vaz da veigua não fez testº fez-lhe sua mer por sua alma a oferta dos dia, mez e ano conforme ao estilo da terra tem comprido a sua obrigação». Isabel Francisca faleceu em Fev. de 1623 «fez testamento tem satisfeito com os direitos paroquiais desta igreja». (M 1 Azurém). Isabel Francisca é citada no Emprazamento a António

Briatiz, Pelónia, Francisco, Gonçalo <sup>56</sup>, e com mais música, mais vida, a soarem mais, outros dois: António Vaz e Maria de Freitas.

«Anno de nascimento de nosso Senhor Jesu Christo de mil he seiscentos e vinte e seis annos aos des dias do mes de Julho do dito anno no casal da Veigua reguengo sito na freguesia de são pedro de zurei» onde Jerónimo Salgado de Faria, administrador dos reguengos, vem fazer a sua vedoria <sup>57</sup>. Debaixo dos juramentos do Santo Evangelho, António Vaz e sua mulher Catarina Gonçalves, mostram o casal da Veiga, seu «por hua escritura que lhe dotou sua mãe e sogra Isabel Francisqua». «Hua casa que serve de cozinha telhada que tem duas portas... e junto a ella tudo em hua corrente esta hua casa sobrada que serve de seleiro e debaixo della esta a adegua... item loguo junto a estas casas a parte do poente duas cortes palhosas de ter guado Item defronte destas casas a parte nascente esta hua parreira que dá vinho Item pegada a esta parreira esta hu alpendre palhaso...». Brinca o vento nos telhados de colmo chegados ao chão; sopra por todos os campos do casal: o de Sob as Casas, que vai até ao caminho da ermida de Nossa Senhora da Madre de Deus, o da Veiga, o do Prado, o da Lavandeira, o da Forsada, o da Vinha, o da Calçada, sacode os castanheiros das bouças de Francos de riba e de baixo, rasteja nas devesas, nas prezas, nas leiras.

A 13.10.1627, na Veiga, faz António Vaz sua manda e testamento <sup>58</sup>. Lembra seus criados: Baltazar, Francisca com suas «soldadas mais cinco tostoins», distribue legados de alqueires de pão. Juntamente com sua mulher, reservando a metade, faz «doação e dote do Casal da Veiga a João Alvres filho de seu cunhado Frutuoso Alvres morador no Cano das Gafas e de sua

---

Vaz como tendo feito escritura de doação a este seu filho da quinta da Veiga de Baixo.

<sup>56</sup> Silvestre Francisco, \* na Veiga, B. a 9.6.1577, x c. g.; Beatriz, B a 22.11.1585; Pelónia Francisca, B. a 8.9.1586 x a 29.1.1617 c. Simão Gonçalves, do Casal do Picouto, freg<sup>a</sup> de Gominhães; Gonçalo, B. a 4.3.1589 s. m. n., António Vaz e Maria de Freitas, ambos no texto. Há também uma Maria da Veigua, f<sup>a</sup> de Bastião Vaz, † sol<sup>a</sup> a 5.11.1603.

<sup>57</sup> Nota 5.

<sup>58</sup> António Vaz faleceu a 8.11.1644, teve «trinta missas com tres off. os do nove lições com o mais costumado na Igr<sup>a</sup> a pessoas de sua calidade, fes test<sup>o</sup>». (M 1 Azurem). O seu testamento foi feito a 13.10.1627 nas notas do Tab. António Barreiros (10.2.46 do Arq. Mun. A. Pimenta, pág. 84).

m.er Maria de Freitas irmã dele dotador casando ele com Catarina Gonçalves filha de salvador João e de sua m.er Cecilia Gonçalves, irmã dela dotadora, mores no casal de Nogueira da freguesia de Guminhães». Logo a 4.6.1628, na igreja de Gominhães, João Alvres recebe por mulher a Catarina Gonçalves<sup>59</sup>, e tomam posse do casal. Só têm uma filha: Maria Gonçalves. João Alvres cedo parte para Deus. Anos depois, a 25.2.1638, em S. Pedro de Azurém, é baptizada Jerónima, primogénita de sua viúva Catarina Gonçalves e de seu segundo marido Pascoal Gonçalves<sup>60</sup>. Entre os tios avós, a mãe, o padrasto, os meios irmãos nascidos na Veiga, cresce Maria Gonçalves, única herdeira de seu pai, possuidora do seu casal.

Leva dez mil reis para vestidos, a quinta da Veiga, uma cama de roupa, um boi, uma porca e um porco, uma cuba e uma caixa. Sorri para seu futuro marido, André Gonçalves<sup>61</sup>, vestido de bom pano, capa, roupeta, calção, gibão, bota e chapéu<sup>62</sup>. Ao casar<sup>63</sup>, Maria Gonçalves continua a viver na Veiga. Sorriso aberto para os bens de Deus, caminham juntos de sol a sol. Fazem então vedoria do seu casal. E a Veiga, reguengo de «Dona Luiza por graça de Deus rainha de Portugal e dos Algarves da quem e dalem mar em Africa Senhora da Guiné e da Conquista, da navegação comercio da Etiopia, Arabia, Persia e India», mostra-se com suas casas telhadas e colmaças e para a parte do norte, junto às outras, mais uma casa «de pedras singelas e tosqua tambem telhada e terrea», aparece mais uma

<sup>59</sup> M 1 S. Torcato, Arq. Mun. A. Pimenta.

<sup>60</sup> Ignoro quando a viúva de João Alvres casou com Pascoal Gonçalves; os f.os deste matrimónio também nasceram na Veiga. Foram: Jerónima Gonçalves, b. a 25.2.1638 e que tendo 3 anos de idade, a 30.5.1641 fizeram-lhe os pais dote para casar com Jerónimo Gonçalves, sr. do Casal de Gilde, S. Torcato (10.2.68, Arq. Mun. A. Pimenta); Domingos, a 26.4.1639; Domingas, a 10.1.1641; João, a 8.5.1643; António a 21.9.1645 e Maria a 11.11.1649 (M 1 Azurem). S. M. N.

<sup>61</sup> André Gonçalves era fo de Ana Gonçalves solta, moradora no Casal da Ribeira, S. Lourenço de Cima de Selho, filha de Pedro Gonçalves, sr. desse casal e irmã de António Gonçalves, do Casal de Tarrío, Corvite. No dote de seu casamento, o avô e tio pedem «A Sua Magestade o Rei a sua legitimação por ele ser filho natural e a mãe não andar amancebada com seu pai».

<sup>62</sup> Fizeram este dote na Veiga de Baixo a 28.11.1645, Tab. António Nogueira do Canto, (Arq. Mun. A. Pimenta). Os esposados foram viver para a Veiga «para a casa nova telhada de junto a eira».

<sup>63</sup> Casam no mesmo dia na igrª de Azurém. (M 1).

vez com seus campos e bouças<sup>64</sup>. Apenas agora não há nos seus caminhos o riso das crianças para continuarem o casal. Deus não dá filhos a Maria Gonçalves. Para encher a sua solidão traz para a Veiga uma menina, Maria de Freitas, sua afilhada e prima co-irmã.

Donde a onde, nestas velhas linhas de lavradores, senhores de terras, cortam-se os fios que os prendiam ao chão sagrado de seus avós. Soltam-se pela Índia, pelos Brasis, pelo mundo. Longe, muito longe da casa-mãe, retalham a sua história, erguem-na, transformando-a em solar, o que por vezes muito remotamente já foi, e assim como o vinho sobe nos lagares, ao de cima vem os seus feitos, cheios de força, vivos, coloridos. Noutras, a enorme meada dos filhos segundos, das filhas cujo dinheiro não deu para os dotes de casamento iguais ou para a paz dos conventos, larga os verdes campos, esfiapa-se pelo tempo, pelas ruelas das cidades e vilas, perde-se na memória das gerações vindouras. Esquecidas que a fonte é a mesma, umas jorram águas no chafariz da glória, das côrtes, com esplendor e brilho, outras correm devagar, enredadas nas ervas dos caminhos, empecilhadas pelo barulho das forjas, das serras, do martelar. Nos livros agarramos, para continuar a Veiga, esses fios perdidos: Maria de Freitas, a irmã de António Vaz, da Veiga de Baixo. Foi casada com Frutuoso Alvares<sup>65</sup>, ferreiro, no Cano

---

<sup>64</sup> «Carta de novo emprasamento feita a Andre Glz e a sua mulher do Casal da Veiga», feita a 3.4.1658. Perg<sup>o</sup> do Arq. Part. da Casa da Veiga. André Gonçalves e mulher mostram o prazo antigo e um instrumento de manda e nomeação notado por António Barreiros, Tab. público na vila de Guimarães, a 13.10.1627, provando que João Alvres «foi Pay Legitimo della Maria Gonsalvres e por não ficar d'elle outro filho nem filha Legitima lhe succedeo ella no direito de Renovação do Prazo». Nesta vedoria a descrição da casa é igual à de 1626, apenas «pegado com a casa cozinha para a parte Norte assentarão mais hua Casa de pedras singelas e tosha também telhada e terreas que tudo fica em hum corrente». Tinham, para pagar a lutuosa de João Alvres e vários foros que deviam, vendido o Campo da Lavandeira, pertença do seu casal, ao Almojarife dos Reguengos por 40\$000.

<sup>65</sup> No M 1 de Azurém aparece em 1570 um Frutuoso Alvres, ferreiro, morador no Cano das Gafas; a 27.11.1585 Gonçalo Alvres, ferreiro, e sua m.er Breatris Francisca, m.ores no Cano, baptisam um f<sup>o</sup> chamado Frutuoso, em 1600 leio nos óbitos da mesma freg<sup>a</sup>. «Francisco Gonçalves e sua m.er Margarida Alvres e sua f<sup>a</sup> M<sup>a</sup> faleceram m.ores que foram no Cano das Gafas tinham bens de seu ficarão seus f.os por herdeiros athe agora não fizeram nada por suas almas. A margem tem seu f<sup>o</sup> frutuoso

das Gafas <sup>66</sup> e mãe de João Alvres que acima vimos a herdar do tio o Casal, e também de Margarida de Freitas recebida a 7.12.1653 por Jerónimo Antunes <sup>67</sup>, carpinteiro. E a música da forja, compassada e forte, o clarão do lume ao dobrar o ferro, o bom cheiro do serrim ainda húmido, das sólidas madeiras de castanho, do vinhático, do eucáipto, tocam, rangem, martelam o hino das artes mecânicas na árvore dos costados de Maria de Freitas, filha <sup>68</sup> de Jerónimo Antunes, senhora da Veiga por doação de Maria Gonçalves, sua madrinha e prima co-irmã.

Na linda igreja de S. Pedro de Azurém casa Maria de Freitas, a 28.9.1678 <sup>69</sup>, com Jerónimo Ribeiro <sup>70</sup>, nascido na Quinta de

---

alvres satisfeito conforme lhe mandou o provedor». Ignoro qual destes foi marido de Maria de Freitas, pois não lhe encontro o assento de casamento. A 2.12.1606 baptisam sua filha Margarida de Freitas; a 5.8.1615, Domingos; a 14.6.1618, António; e na lista dos crismados encontramos-lhe mais dois filhos João Vaz, que herdou a Veiga, e Francisco. Frutuoso Alvres (este?) † no Cano de morte repentina a 16.1.1645, sem testamento. (M 1 Azurém).

<sup>66</sup> M 1 Azurém.

<sup>67</sup> Desconheço a naturalidade de Jerónimo Antunes. Depois de casado viveu no Cano das Gafas. A 25.3.1695 faleceu Jerónimo Antunes, viúvo de Margarida de Freitas, do Cano, sem testamento, ficaram-lhe filhos que lhe mandaram fazer os officios. Sua mulher «Margarida de Freitas, m.er de Jerónimo Antunes, carpinteiro» falecera a 7.1.1694. Teve muitos officios e deixou por herdeira a sua f.<sup>a</sup> Catarina, solteira. (M 2 Azurém).

<sup>68</sup> Maria de Freitas era a f.<sup>a</sup> mais velha de Jerónimo Antunes e de sua m.er Margarida de Freitas. Nasceu no Cano e foi Bap. a 13.9.1654; os pad. foram Domingos Gomes Cardoso e Maria Gonçalves, casada, da Veiga, sua prima co-irmã que cedo a levou para sua casa. Os outros filhos foram Catarina: de Freitas, b. a 14.1.1657 † solt.<sup>a</sup> na mesma rua do Cano a 7.7.1730, deixando por herdos a sua sobrinha Jerónima Ribeiro e marido Gabriel da Costa e todo o seu oiro p.<sup>a</sup> se dizer em Missas de seis vin<sup>h</sup>ens no Convento dos Capuchos onde foi sep. (Ob. 1 Azurém) Francisco, b. a 4.9.1659, s. m. n.; possivelmente fal. m. e Margarida de Freitas b. 2.3.1662 (M 2) x 16.9.1689 c. Jerónimo Francisco, viúvo, s. m. n.

<sup>69</sup> M 1 Azurém. As testemunhas foram João Lourenço, da Veiga de Cima, e seu filho João Lourenço, André Gonçalves, da Veiga de Baixo, e António de Freitas, do Cano.

<sup>70</sup> Jerónimo Ribeiro, n. na Q.t.<sup>a</sup> de Paços, Atães, e foi B. a 8.12.1652, f.<sup>o</sup> de Pero João, sr. dessa quinta e de sua m.er Margarida Ribeiro (M 1 Atães), neto pat. de João Pires e de sua m.er Cecília Gonçalves, sr.s do Casal de Paços, e neto mat. de Bernardo Fernandes, e de sua m.er Maria Fernandes, Sr.s do Casal da Portela, S. Jorge de Selho. Jerónimo Ribeiro fal. «da vida presente aos desasseis dias do mes de dezembro, de mil e setecentos na Veiga com todos os sacramentos não fes testamento ficou sua m.er Maria de Freitas com seis ou sete f.os foy sepultado nesta

Paços, em Atães, e que pelo lado de sua mãe, Margarida Ribeiro, da Casa da Portela, traz à Veiga na sua árvore, toda a densidade dos verdes, toda a abastança farta dos senhores dos casais, todo o passado de antigos pergaminhos. «Aparentam com o Rei do Pegú, de quem descendem»<sup>71</sup> e embora a investigação desminta tal facto, dando-lhe quanto muito um tronco comum<sup>72</sup>, toda a música de muitas gerações se escuta, iluminada pelo saber dum ou doutro tio sacerdote, a cantar pelas eiras: raízes muito fundas a virem ao de cima em pedras de armas, em parentela<sup>73</sup>,

---

Igr<sup>a</sup> logo lhe fizerão hu officio de des padres de nove liçõs veio a oferta costumado de dous tableiros e hu carneiro e o mais costumado». Sua mulher † a «14.1.1725 Maria de Freitas veuva da Beiga de Baixo com todos os sacramentos deixou seu genro e suas filhas por herdeiros e alem dos bens de alma costumados deixou 1 officio de 10 missas sepultada em St<sup>o</sup> António dos Capuchos acompanhada de padres, disse-lhe a missa e no dia do enterro 1 officio de 9 padres». (O 1 Azulem. Arq. Mun. A. Pimenta).

<sup>71</sup> «*Nobiliário das Famílias de Portugal*», Tomo VII, Bernardes, & 6.

<sup>72</sup> F. G. no nobiliário acima citado afirma que Jerónimo Ribeiro Bernardes sr. da Casa da Veiga, a quem chama Jerónimo Martins Ribeiro Vaz de Abreu Salgado, descende, entre muitos outros Ribeiros que menciona, de Salvador Ribeiro, Rei do Pegu. Documentalmente nada se pode provar. Apenas verifico que tanto os da Casa da Veiga, como quase todos os outros, são descendentes de Bernardo Fernandes, e de sua m.er Maria Fernandes, srs. da Casa da Portela, em S. Jorge de Selho (Pevidém), que viveu na mesma época do Rei do Pegú.

Rezam manuscritos que Salvador Ribeiro era natural do Casal das Quintãs, do Couto de Ronfe, e filho de Frutuoso Gonçalves, a quem alguns nobiliários acrescentam o apelido de Cardote e a mercê de escudeiro fidalgo. Em 1598 data aproximada da sua partida para a Índia a iniciar a sua aventureira vida, morava, e tinha filhos, no Casal da Quintã, Jorge Gonçalves e sua m.er; em 1590 afal. Camilla Pires, m.er de Frutuoso Fernandes (M 1 Ronfe). Nada apuramos sobre os pais e avós de Bernardo Fernandes, mas sabemos ser irmão do Rev.<sup>do</sup> P.e Pedro Fernandes, vigário de S. Martinho de Candoso a partir de 1588, e de Manuel Fernandes c. c. Ana de Abreu, Sr<sup>a</sup> do Casal do Outeiro da Aldeia do Reboto, S. Martinho do Candoso, c. g. O apelido Ribeiro foi usado por seus filhos, o Licenciado António Ribeiro e outros, juntamente com o patronímico Bernardes; derivado de seu nome estende-se a toda a sua numerosa descendência.

<sup>73</sup> Descendem de Bernardo Fernandes: os Azevedo e Menezes, da Casa do Vinhal, em Famalicão, e da Portela, em S. Jorge do Selho (varonia, os Ribeiro Machado da Casa de Nevogilde (varonia), os Almeida Loborões, os Machados de Miranda, da Casa do Carvalho, em Guardizela, os Brancos Bernardes de Carvalho, da Casa da Covilhã, em Fermentões, e Costeado, em Creixomil, os Martins, da Casa de Minotes, os das Casas da Veiga e da Ribeira, os Abreus Ribeiros, das Courelas, os da Casa de

em velhas casas. Ao morrerem, André Gonçalves e Maria Gonçalves<sup>74</sup> deixam a Veiga, viva, cheia com os filhos de Jerônimo Ribeiro e de Maria de Freitas, esses Ribeiros Bernardes que a percorrem e lhe dão vida. E uma delas, a nona, Mariana Ribeiro Bernardes, aos seus deixará, por mais nove gerações, todo o encanto do Casal da Veiga, a serpentear na lembrança, no passado, na alma.

*Maria Adelaide Pereira de Moraes*

---

Paços, em Atães, e, por estes, outra vez os Ribeiros da Casa de Agra e da Casa de Aldão, os da Casa da Veiga e os da Casa do Paço, em Airão, os Oliveira Bernardes da Q.<sup>ta</sup> de Vila Boa, em Joane, (Barbosa Lima, Melo Pereira de Sampayo (Pombeiro), Melo Mexia, Pinto de Mesquita), os Ribeiros de Agrelos, Paraizo, etc. etc.

<sup>74</sup> André Gonçalves † a 11.1.1706 na Veiga de Baixo com o sacramento da penitência, por não haver mais tempo, e foi sep. no Conv<sup>o</sup> de St<sup>o</sup> António dos Capuchos com seu acompanhamento, e no mesmo dia fez-se-lhe um officio de dez padres<sup>s</sup>. Deixou sua m.er por herd<sup>a</sup> e test<sup>s</sup>. Maria Gonçalves morreu também na Veiga, a 25.7.1710, deixando por herdeiro seu sobrinho-primo Francisco Ribeiro, f<sup>o</sup> de Maria de Freitas. Como este faleceu a 2.5.1714, (tudo em Azurém O 1), ficou Maria de Freitas sr<sup>a</sup> do Casal. A 5.1.1715 pagou de lutuosa por André Gonçalves, no Almojarife dos Reguengos, três mil e oitocentos reis, pelo Casal da Veiga, e a 30.12.1717 três mil e seis reis pelo falecimento da 2.<sup>a</sup> vida, Maria Gonçalves. Registado no Livro dos Domínios e Direitos Reais. Pergaminho pertencente ao Arq. Part. da Casa da Veiga.